**Título:** Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas

**Autor:** Luis de Góngora y Argote

**Nacionalidade:** espanhol

**Título original:** Fábula de Polifemo y Galatea

**Copyright:** hedra **Categoria:** Poesia espanhola

**Palavras-chave:** Literatura clássica; poesia espanhola; literatura do século de ouro; poesia

**Tradução:** Péricles Eugênio da Silva Ramos

**Número de páginas:**

**Dimensão:** 13,3x21cm

**ISBN:** 978-85-7715-750-1

**Sinopse:**

*Fábula de Polifemo e Galateia* (1612) narra o episódio mitológico descrito no livro XIII das *Metamorfoses* de Ovídio: os amores do cíclope Polifemo pela ninfa Galateia. A obra se vale de complexos recursos estilísticos, como o uso de sintaxe e vocabulário latinos, elaboradas figuras de linguagem, e uma pletora de alusões à mitologia clássica.

Esta edição conta ainda com 29 sonetos, excertos do “Panegírico ao Duque de Lerma” e, por fim, fragmentos das *Soledades*, que circularam sob forma de manuscrito em 1613 ─ obra inacabada, em que o autor abandona a trama mitológica dos poemas anteriores e narra os infortúnios de um jovem náufrago.

**Sobre o autor:**

Luis de Góngora y Argote (Córdova, 1561─*id*., 1627) foi o poeta mais importante da poesia aguda do *Siglo de Oro*, expressão que designa a produção artística do século XVII espanhol, pela excepcional ocorrência de obras importantes de autores como Quevedo, Lope de Vega, Cervantes.

Filho de Francisco de Argote, juiz dos bens confiscados pela Inquisição, e de Leonora de Argote, ambos procedentes de importantes famílias de Córdova, Góngora ingressou aos 15 anos na Universidade de Salamanca, onde cursou estudos jurídicos e filosóficos. Por volta de 1585 já era famoso como poeta, sendo mencionado por Miguel de Cervantes em *La Galatea*.

Sua poesia se caracteriza pela exploração da metáfora, que foi tida por mais eficaz quando proposta entre objetos muito distantes entre si. Por exigir um enorme empenho de abstração intelectual, a partir do século XVIII foi considerada fria e de mau gosto. Seu caráter de exercício cortesão foi qualificado como frivolidade infantil de uma nobreza ociosa. Apenas no modernismo do século XX se renovaria o interesse pela poesia aguda. O rebuscamento da poesia de Góngora pretendia salvaguardá-la de leitores vulgares, reservando sua fruição aos leitores dispostos à decifração paciente de labirintos de erudição clássica como a *Fábula de Polifemo e Galateia* e as *Soledades*.

**Trechos da apresentação:**

Góngora não escrevia para o vulgo, mas para os leitores de ilustração, ajustando-se a uma corrente teórica que pontificava em seu tempo, com Carrillo e outros. Por isso mesmo, Góngora é um poeta difícil, só capaz de entregar seus segredos a quem dispõe da chave deles, isto é, para quem conhece os processos que ele usa. E é um poeta difícil, mesmo hoje, no entendimento de determinados versos.

Embora combatido por escritores tão notáveis como Quevedo e Lope de Vega e por outros de menor envergadura, como Jáuregui, Góngora foi influência notável na Espanha, na América espanhola, em Portugal e no Brasil, cujas letras dominou até meados do século XVIII.

No Brasil, a sombra de Góngora pesou sobre o nosso primeiro poeta publicado em livro, Manuel Botelho de Oliveira, e isso despoticamente. Na obra atribuída a Gregório de Matos sente-se também a presença do cordovês, que frequenta, igualmente, e de maneira intensa, o códice da Academia Brasílica dos Esquecidos (Bahia, 1724--1725). O próprio Cláudio Manuel da Costa, além de seu gongorismo inicial, é às vezes também explicável pelo andaluz, mesmo nas suas Obras de 1768

Com a reação neoclássica ao Barroco, dissemos, a corrente gongorina passou a ser condenada como obscura e de frase inchada, em nome de um bom gosto que repousava mais na expressão clara e sem retorcimentos. Até há pouco tempo o Góngora das “Soledades” e do “Polifemo” era condenado como incompreensível, arrevesado, artificial, de conteúdo escasso, pelos manuais de história da literatura ou mesmo críticos de maior envergadura, que só louvavam o Góngora da chamada primeira fase, dos romances, letrillas, sonetos. Ora, cada época tem seu estilo, não se podendo maljulgar com critérios posteriores as técnicas anteriores. O gongorismo só pode ser tomado como um documento importante do barroquismo, creditando-se a Góngora, quando mais não seja, o título de poeta erudito, senhor de um decassílabo inexcedível na Espanha em sonoridade, como adverte D. A., que também o considera o maior poeta europeu do século XVII.

Afirma-se que a reabilitação de Góngora começou com Verlaine (1844--1896), que, embora não soubesse espanhol, o tinha como um de seus “poetas malditos”. Rubén Darío contagiou-se com essa admiração em Paris, e pela volta do século a havia de transplantar para a Espanha. Os modernistas e os membros da geração de 1898 simpatizavam com Góngora, que para eles tinha semelhanças com Mallarmé, semelhanças essas que Alfonso Reyes e D. A. apontaram como bastante ilusórias. Com Alfonso Reyes, por volta de 1910, começam os estudos sérios sobre Góngora, continuados com dedicação e persistência por D. A. Saem grandes edições de Góngora, estuda-se a sua vida, e afinal a geração de García Lorca, Jorge Guillén e outros grandes poetas salienta a altitude poética do cordovês. Basta dizer que García Lorca acentua a formação de latinista de Góngora para explicar traços de seu estilo. Hoje, desfeito o mito das duas fases de Góngora, o poeta é tido como um dos mais representativos do Maneirismo europeu. Sua influência, até o Arcadismo, foi incontrastável em Portugal e no Brasil, e assim estética e historicamente Góngora não pode ser desconhecido ainda hoje, em nosso meio.

A presente tradução integral da “Fábula de Polifemo e Galateia”, de significativos excertos das “Soledades” e do “Panegírico ao Duque de Lerma”, bem como de quase trinta sonetos, procurou respeitar ao máximo possível a sonoridade do decassílabo de Góngora, desiderato nem sempre inteiramente viável, mas sempre perseguido. Acompanhamos em português o estilo do mestre e sua expressão, a qual só parafraseamos ligeiramente por questões de métrica ou rima, quando isso se impôs. Mas, como o texto também em nossa língua é difícil, anotamos cada estrofe dos poemas maiores, oferecendo em prosa uma interpretação mais clara. Guiou-nos nisso D. A., embora o enxugássemos bastante, para não nos desviarmos do texto espanhol em sua pureza.

**Trechos do livro:**

Soneto XLII

A uma casa de campo onde estava uma dama a quem celebrava (1594)

Se a vista já, de prantear cansada,

De coisa pode prometer certeza,

Belíssima é aquela fortaleza

E generosamente edificada.

Paço é de minha bela celebrada,

Templo do Amor, alcáçar da nobreza,

Ninho da Fênix de maior beleza

Que hoje se vê bater pluma dourada.

Muro que subjugais o verde plano,

Torres que defendeis o nobre muro,

Ameias que das torres sois coroa,

Quando de vosso dono soberano

Mereçais ver a celestial pessoa,

Representai-lhe o meu desterro duro.

Soneto XLIII

De um caminhante enfermo que se enamorou onde foi hospedado (1594)

Extraviado, enfermo, peregrino

Em tenebrosa noite, com pé incerto

A confusão pisando do deserto,

Debalde vozes deu, passos sem tino.

Repetido latir, longe e mofino,

Distinto ouviu do cão sempre desperto,

E em pastoril albergue mal coberto

Piedade achou, perdido o seu destino.

Sai o sol, e, entre arminhos escondida,

Bela, com sono e, a mais, furor fagueiro,

Salteou o mal sadio passageiro.

Pagará a hospedagem com a vida;

Mais lhe valera errar de morro em morro

Que morrer da maneira como eu morro.